

NARRATIVAS ORAIS: HISTÓRIA ORAL E PESQUISA SOBRE ENSINO DE ARTE

Gabriela Clemente de Oliveira¹ – UEMG

Agência Financiadora: CAPES

Resumo

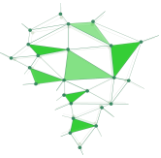
Durante investigação para escrita de nossa dissertação de mestrado, que teve como objeto de estudo as metodologias de ensino de artistas que também são professores, fez-se necessário definir um método de entrevista, a fim de acessar fontes orais. A construção dessas fontes se justificou em função da pouca bibliografia disponível sobre os artistas estudados e suas práticas em ensino de arte. Somado a isso, a possibilidade de coletar saberes diretamente desses sujeitos, e de outros que conviveram com eles, trouxe para a pesquisa as particularidades da oralidade, bem como de sua análise. O método escolhido por nós foi a História Oral, com destaque especial para as narrativas orais. Seguimos como orientação os conceitos desenvolvidos pelos professores, Alessandro Portelli e sua compreensão sobre História Oral como discurso e Jorge Larrosa Bondía, e sua abordagem sobre narrativa e identidade.

Palavras-chave: Alessandro Portelli. Jorge Larrosa Bondía.

Introdução

As fontes orais têm sido amplamente utilizadas em diferentes campos acadêmicos com destaque especial para as pesquisas qualitativas nas ciências humanas. Pesquisadores que optam pelo uso das fontes orais acabam por acessar diferentes âmbitos da singularidade de seu objeto de estudo, através dos relatos. Ao contrário do que possa parecer, essa singularidade não limita o alcance da pesquisa e nem reduz sua importância dentro do meio acadêmico, os relatos trazem abordagens tão diversas que permitem ao pesquisador tomar consciência sobre o sujeito entrevistado, bem como sobre o contexto político, econômico, social no qual este está inserido. A multiplicidade de conhecimentos que os relatos trazem às pesquisas, permitem uma escrita plural.

¹ Mestre em Arte pelo PPG Artes-UEMG (bolsista CAPES de 09/2018 a 09/2019). Estudante de Artes Plásticas na Escola Guignard - UEMG. Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade de Minas Gerais (2001). Experiência em ensino de arte e de história, na educação formal e terceiro setor. Tem desenvolvido pesquisas com foco em: metodologias de ensino em arte, artista-professor, teoria da recepção - arte e YouTube. e-mail: gabriela.gabiarte@gmail.com



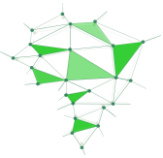
As fontes orais foram fundamentais para que conseguíssemos contemplar os objetivos de nossa pesquisa, que teve como objeto de estudo o artista-professor e suas metodologias de ensino em arte. Optamos pelo uso da História Oral para nos auxiliar no acesso às fontes orais por acreditarmos que, com esse método, conseguiríamos estabelecer relações de diálogos, em primeiro lugar: dos artistas entrevistados com eles mesmos ao construírem e reconstruírem suas próprias histórias de vida, suas práticas de ensino em arte e em segundo, ao ouvir essas narrativas, investigar e contrapor os relatos dos entrevistados nos daria a oportunidade de universalizar esses saberes dentro do campo artístico e de seu ensino.

No que se refere a pesquisa acadêmica, Santiago (2013) identificou durante escrita de sua tese de doutorado sobre História Oral no Brasil, que até o ano de 2013 eram poucas as pesquisas na área das artes, ligadas a esse método de entrevista. O pesquisador ressaltou: “embora esse método (a entrevista) seja um recurso dos mais frequentes na abordagem das artes, seu campo é, como um todo, pouco atento ao assunto” (SANTHIAGO, 2013, p. 155). O conteúdo dos depoimentos dos artistas-professores investigados por nós, foi obrigatório para que conseguíssemos criar um esboço sobre suas metodologias de ensino e para criar uma aproximação no entendimento sobre a maneira como cada um tem vivido essa relação.

Ao longo de nossa pesquisa tivemos acesso a estudiosos que adotaram visão expandida sobre a História Oral, realçando interesse particular na própria narrativa oral, reconhecendo-a como texto construído pelo sujeito de modo criativo e repleto de significados. Destacamos os estudos realizados pelo professor Alessandro Portelli e sua abordagem sobre História Oral como discurso, em especial seu texto: *História oral como gênero* (2001), e o professor Jorge Larrosa Bondía, com destaque para seu texto: *Notas sobre narrativa e identidade* (2004).

Desenvolvimento

A História Oral enquanto técnica, metodologia e método de investigação, têm na entrevista meio primordial para construção de “histórias de vida, relatos orais ou depoimentos orais” (MORAIS, 2016, p. 74). O interesse pela narração passou a significar, entre outras possibilidades, uma busca por experiências que se encontram na vida cotidiana de indivíduos e grupos sociais, até então, fora dos registros considerados oficiais. O historiador Paul Thompson (2000) disse durante palestra: “entendo por “história oral” a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências” (THOMPSON, 2000, p. 09). Para o professor Alessandro Portelli (2001) “a



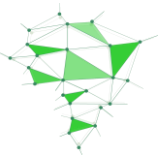
história oral é uma forma específica de discurso: *história* evoca uma narrativa do passado; *oral* indica um meio de expressão” (PORTELLI, 2001. p. 10).

Professor de literatura e historiador oral, Alessandro Portelli em seu texto: *História oral como gênero* (2001), desenvolve a ideia de que a História Oral é constituída de um discurso dialógico composto pela narrativa do entrevistado e pela ação de interpretação do pesquisador². A abertura que o termo possui refere-se ao mesmo tempo ao pesquisador e ao narrador, mais pontualmente ao que eles fazem no momento que se encontram em pesquisa. Nessa relação recíproca entre entrevistado e entrevistador, aquele que narra ocupa valor igual àquele que ouve. Como se refere ao mesmo tempo aos que narram e aos que ouvem, a História Oral possui “um gênero composto (...) um gênero de narrativa e um discurso histórico” (PORTELLI, 2001, p. 11), um proferido pelo narrador e o outro pelo pesquisador. Essa particularidade acaba por lhe conferir um caráter único, passível de existir apenas dentro da relação de pesquisa.

Para Portelli (2001), a maneira como uma história é contada durante uma entrevista é única e particular e não se repete em situações fora dela. O que difere as narrativas dos contos e dos casos informais é exatamente a construção que o narrador faz mediada pela presença do pesquisador. Nesse ambiente de investigação, o narrador acaba por tomar consciência de si e pode vir a abordar o assunto por uma perspectiva nunca narrada. A entrevista possibilita então, um acesso a fontes construídas exclusivamente em função da relação estabelecida pela pesquisa em que o narrador, num ato de criação, acaba por incorporar uma série de elementos novos para compor seu texto oral. À medida que essas narrativas vão se constituindo e o discurso do entrevistado ganha força, ele passa a se encontrar com o texto escrito pelo pesquisador. Essa distinção entre o texto narrado e o texto escrito precisa estar clara para o narrador, bem como ao pesquisador, que no ato da escrita, não pode perder de vista as origens orais daquela história.

Pode-se dizer que a História Oral se encontra “entre” (PORTELLI, 2001, p. 15) o pesquisador e o sujeito, entre a oralidade e a escrita, entre a vida e o tempo. Se não existe um encontro daquele que narra com aquele que ouve e escreve não é possível construir discurso. Seu aspecto dialógico, elemento estrutural para sua construção, reside exatamente na relação que se estabelece entre o sujeito, alvo do estudo, e o pesquisador. Um narra, outro escreve, ambos escutam e constroem as narrativas. Por mais que o entrevistado possa ter contado

² Alessandro Portelli tem sua produção voltada para historiadores orais, referindo-se a eles constantemente em seu texto. Durante pesquisa resolvemos adotar o termo pesquisador em substituição ao termo historiador, utilizado pelo autor no original. Entendemos que a palavra pesquisador desenvolve melhor a ideia que guia nossas reflexões, nesse artigo.

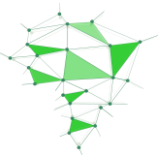


determinada história inúmeras vezes, no ato da entrevista essa ganha classificação de narrativa em função das estruturas dialógicas que compõem essa ambiência. Essa nova história, ressignificada em função da presença do entrevistador, passa a vigorar dentro de um novo uso. Há um pesquisador interessado naquela oralidade e em função dessa inquietação, ele a insere em sua pesquisa.

O professor aprofunda ao dizer que a narrativa não é construída de forma solta ou sem orientações e não é fruto apenas das ações do entrevistado. Para que de fato ela possa existir é necessário que o pesquisador coloque questões ao sujeito de modo a estimular e nortear o desenvolvimento de sua narrativa. De certa maneira, o relato elaborado pelo narrador pode ser entendido como respostas às colocações feitas pelo pesquisador durante entrevista. É uma relação em que um apresenta as regras para o outro na intenção de que a oralidade em questão, consiga atingir o patamar de fonte de pesquisa. O pesquisador vai ao encontro do sujeito com uma série de indagações responsáveis por alimentar seu texto oral. Não busca um objeto de estudo desprovido de interesses ou questionamentos, não se trata de uma relação em que o pesquisador não tenha em mente o que busca conhecer, menos ainda de uma situação em que o livre falar seja o alvo de sua averiguação.

São precisamente os questionamentos que o pesquisador formula ao entrevistado que acaba por criar uma “agenda” (PORTELLI, 2001, p. 20) capaz de guiar toda a conversa programada. A forma que o texto oral assume está diretamente relacionada à maneira como o assunto é abordado, sua construção, estrutura e métrica, acontecem em função da maneira como a conversa é iniciada. Essa agenda, estabelecida previamente entre ambos, não é estática nem limitadora ao processo de entrevista, não se pode perder de vista que na pesquisa em História Oral o narrador necessita de liberdade para construir seu relato, o pesquisador possui questionamentos e pretende fazê-los ao sujeito durante a conversa, porém, a maneira como esses questionamentos serão respondidos, foge ao seu controle.

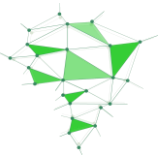
Portelli (2001) ressalta que o narrador possui agenda própria, é ele quem decide, seleciona e constrói as informações da forma como julgar melhor. O ajuste entre essas agendas acontece no desenvolver da conversa e muitas vezes, até que haja afinidade entre ambos, o pesquisador precisa aprender a desenvolver o tempo da espera, saber permanecer na escuta, para posteriormente, concentrar na interpretação das narrativas. Para o professor, uma entrevista é uma lição repleta de aprendizagens para o pesquisador.



Colocada essa relação dialógica entre os envolvidos na pesquisa, a antiga questão sobre a não interferência do pesquisador durante a entrevista ganha nova abordagem, uma vez que a construção das narrativas só se faz possível a partir de uma ação clara do pesquisador diante o sujeito entrevistado. Ainda que a entrevista siga diferentes formatos estéticos, como um monólogo, discurso em que entrevistado narra sua história como se estivesse diante um público imaginário ou se assume forma de diálogo, em que o entrevistado se volta para o pesquisador sabendo quem ele é, em maior ou em menor grau, a presença e atuação do pesquisador dentro da entrevista é um fato. Em ambas as situações de entrevista, relacional ou de declaração, o pesquisador se apresenta como sujeito ativo e elemento fundamental para que o sujeito entrevistado, siga na construção de sua narrativa.

Essa relação dialógica, destaca Portelli (2001), que marca a elaboração da narrativa, envolve também o tratamento do registro dessa oralidade, momento em que o pesquisador conta com o uso de equipamentos para gravar as palavras do narrador. A presença desses equipamentos durante a coleta dos relatos ajuda a compor as normas que diferenciam uma conversa informal sobre determinado assunto, de um trabalho de construção de narrativas investigativas. A máquina acaba por desempenhar um papel mediador no ato da entrevista ao ajudar a compor os critérios de legitimação para construção do relato ao afirmar certa formalidade ao encontro. O equipamento ativa uma constante lembrança de que as palavras ditas são gravadas e que num momento a posteriori, serão ouvidas, transcritas, selecionadas, revisitadas e repetidas para compor um novo texto.

O ato de ouvir as gravações inevitavelmente remete a outra abordagem essencial: quem fala na relação de pesquisa? Uma vez que sabemos que o ato de narrar e escrever em História Oral são interligados e que o pesquisador tem autonomia para decidir se sua investida se trata de um monólogo ou de um diálogo, localizar as vozes que compõem um trabalho, resulta no impacto direto em relação à interpretação e escrita da fonte levantada. Se retomarmos a indagação inicial, colocada por Portelli (2001), de que a História Oral é um discurso entre a narrativa e a história, é desejável que as interpretações e análises das transcrições não silenciem a presença do pesquisador no trabalho. No fim, caberá a ele decidir que tipo de texto lhe interessa como resultado da pesquisa, se uma análise que interligue os depoimentos coletados, se optará pela apresentação individual das informações, se recorrerá à construção de um texto contínuo intercalado por citações das entrevistas entre aspas, e tantas outras possibilidades.



O tipo de texto a ser elaborado será determinado também, pela consciência do pesquisador no ato da interpretação das entrevistas em relação ao público alvo a que se volta o estudo em questão. Falar para acadêmicos não obedece o mesmo princípio de construção de um texto voltado para leigos, no entanto, a História Oral possui a capacidade de se apresentar democrática uma vez que o resultado final de um trabalho pode chegar a atingir ambos os públicos ou até mesmo se ver desdobrado para além do texto, em ações de intervenção direta na sociedade. As narrativas biográficas e autobiográficas são bons exemplos de textos capazes de comunicar tanto com o público acadêmico quanto com o público em geral, pois normalmente sua escrita transita entre a “verdade e a beleza” (PORTELLI, 2001, p.33). Enquanto os acadêmicos estão em busca de fontes rigorosamente tradas no ato da escrita científica, o público geral pode estar em busca de um texto capaz de despertar o prazer pela leitura.

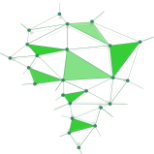
A partir dessa colocação cria-se novo problema, a História Oral também ocupa um lugar entre a verdade e a beleza.

A maneira como as vozes dos narradores são incluídas no livro do historiador também depende se o efeito que o livro busca é de factualidade matéria ou se o valor estético de uma estória boa, inventada ou não, é tomada como sinal de subjetividade cultural ou individual e se o historiador pretende convencer o leitor, também, de algumas revelações estéticas ou prazeres experimentados ao ouvir história oral. Na aparente oposição de verdade e beleza, talvez a beleza possa ser, de preferência, mais que um ornamento supérfluo -sempre o único possível-, outro meio de contar outras verdades (PORTELLI, 2001, p. 33).

No ato da escrita final do trabalho, durante o tratamento das oralidades captadas é que a estrutura estética do texto será definida. Esse texto narrativo, que será elaborado pelo pesquisador, poderá ser o resultado de uma investigação por verdades factuais ou poderá dar vazão a um texto permeado pela ficção, tudo dependerá dos objetivos iniciais do seu estudo. Nessa estética narrativa com beleza, leva-se em consideração o fato do relato, ser entendido como uma representação da experiência de um indivíduo, geralmente constituída de metáforas. Assim, em pesquisas da área das artes os textos tendem a se preocupar menos com as verdades factuais para se ligarem ao aspecto criativo da construção da narrativa.

Considerações Finais

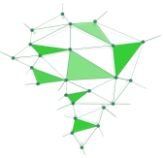
A dimensão da narrativa levantada por Portelli nos levou a estabelecer diálogos com outro texto, *Notas sobre narrativa e identidade* (2004) escrito pelo professor Jorge Larrosa



Bondía. Essa relação proporcionou um aprofundamento na discussão sobre construção das narrativas e sua relação estética com a experiência. Bondía (2004) no texto citado escreveu: “[...] estúdios sobre autobiografias o sobre historias personales [...] se trata de campo de trabajo muy fecundo y muy vivo, atravesado por discusiones sobre cuestiones teóricas, metodológicas, éticas, políticas y culturales [...]” (BONDÍA, 2004, p.11). De acordo com o professor trata-se de um campo que abre grandes possibilidades para contatos com saberes interdisciplinares, uma vez que o sujeito é constituído de diferentes vivências, sendo essas constantemente interpretadas e auto interpretadas, sobretudo, através das narrativas. É a partir desse gênero que conseguimos dar sentido ao que somos e da mesma forma, significamos quem é o outro. As histórias que narramos e as que ouvimos acabam por definir as identidades dos sujeitos a nível individual e coletivo.

Para o autor, as narrativas não se apresentam independentes em suas origens, elas sempre traduzem o contexto no qual o sujeito está inserido, institucionalizado ou não, como é o caso de estudos que investigam sujeitos no espaço escolar, suas narrativas certamente estarão repletas de influências sobre as vivências dos sujeitos daquele espaço. Essa história, que o sujeito narra sobre si e sobre seu contexto, se apresenta como um texto repleto de saberes, capaz de promover intertextualidades. Não é possível pensar o sujeito fora de uma interpretação, pois a linguagem exerce forte influência no pensamento contemporâneo. Da mesma forma não é possível falar dessas narrativas desconectadas de outros textos, as narrativas dos sujeitos acabam por estabelecer relações com outras fontes para promover diálogos durante a investigação. De acordo com o professor, as práticas discursivas estão no centro do mundo contemporâneo e as mesmas ideias que atravessam as narrativas, atravessam também, as interpretações e as construções das identidades.

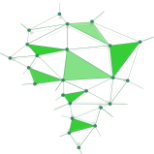
Assim, nessa relação entre narrar e ser interpretado o sujeito é constituído e constitui a si e o seu entorno. O que somos se faz dentro de uma composição que envolve a maneira de falar de si e como interpretamos aquilo que relatamos. Essa tomada de consciência acerca de quem somos é simultânea à narração e a sua interpretação: “[...] el ser es impensable fuera del lenguaje” (BONDÍA, 2004, p. 13). Estamos ligados a uma complexa relação de interpretações, o que somos se faz a partir de relatos na mesma proporção que se faz através de suas interpretações. Expressamos o que nos acontece pela linguagem é com ela, e através dela, que conseguimos interpretar e dar sentido às nossas experiências. O sentido da vida envolve ouvir e contar histórias e ainda ser capaz de fazer associações entre elas, o que compreende uma rede



de comunicação: “donde se producen, se interpretan y se median historias” (BONDÍA, 2004, p. 19). Os atos de ouvir e ler histórias se apresentam num processo sem fim dentro da vida do sujeito e atuam na construção do sentido de vida que acontece através da relação que se estabelece com essas histórias, suas contraposições e interpretações. Essa rede complexa de comunicação diz sobre expressão, imaginação e composição, o sujeito se torna autor de um personagem de si mesmo, construído a partir da relação com outros textos, uma rede de intertextualidade. Essa intertextualidade permite o desenvolvimento de uma série de dispositivos, semânticos e sintáticos, que passam a compor as narrativas de nossas vidas, bem como seu sentido.

Essa associação entre o sujeito e o relato, acaba por dizer sobre o próprio tempo da vida, o presente, único momento em que se oportuniza autoconsciência e a produção de narrativas. É no presente que conseguimos ter consciência de quem temos sido e de quem seremos no futuro e estabelecemos a habilidade de transitar entre a memória e a projeção. No presente é possível estabelecer passagens contínuas entre passado e futuro, uma vez que não são estruturas temporais rígidas, separadas umas das outras. Recordar e projetar são ações que o sujeito realiza constantemente no presente, não à toa, as narrativas estão dentro de uma dinâmica temporal em que o passado, o presente e o futuro são construídos através da capacidade imaginativa, ou seja, dentro de um ato constante de interpretar e construir novos textos com auxílio da imaginação. Assim, nosso tempo de vida: “es, entonces, tempo narrado” (BONDÍA, 2004, p. 16), um tempo conectado a histórias sobre nós mesmos ou sobre alguém, construídas de acordo com nossa capacidade de imaginar, interpretar e narrar. Bondía (2004) ressalta, nem sempre a narração seguirá um modo linear ou cronológico, frequentemente essas poderão se apresentar fragmentadas, confusas e cheias de comoção.

Nesse ponto, o professor destaca que todo o movimento da narrativa, meio pelo qual podemos conhecer a nós mesmos e os outros, diz respeito à discussão sobre experiência. Passado, presente e futuro são constituídos por aquilo que nos acontece, por nossas experiências. Ao longo da vida conseguimos, por auxílio do ato de narrar, organizar o que nos acontece de maneira a construir sentidos. Na medida em que estabelecemos essas organizações de nossas experiências através das narrativas, somos construídos e desconstruídos e essa movimentação acaba por desenhar nossa identidade. Só conseguimos falar sobre quem somos através de uma história única e pessoal e da mesma forma, só conseguimos saber sobre outra pessoa através das histórias que ela mesma ou alguém conta. Não é interesse que essas



narrativas sejam vistas como: “reflexión no mediada del sujeito sobre sí mismo” (BONDÍA, 2004, p. 18), mas como meio pelo qual o sujeito expressa aquilo que lhe aconteceu.

As compreensões sobre História Oral e narrativas desenvolvidas pelos professores, foram fundamentais para que conseguíssemos desenvolver nossas ações na construção das fontes orais e na contemplação dos objetivos propostos em pesquisa. Os artistas-professores investigados, em meio a relatos e memórias, falaram de si e lembraram outros artistas-professores. A oralidade acabou por permear nossa dissertação não só em seu caráter documental, mas também estético. Os artistas acabaram por assumir lugar de protagonistas de sua própria história e o sujeito, elemento vivo, passou a compor a pesquisa através da narração, permeada de vivência e composta pelo modo particular de ver e compreender os acontecimentos que envolvem, principalmente, as diversas maneiras de ensinar arte.

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre narrativa e identidade**. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000095&pid=S1517-9702201100030001200004&lng=pt>. Acesso em 11 de dez. de 2018.

MORAIS, Paulo Tadeu. **Apontamentos sobre a história oral como técnica, método e metodologia de pesquisa**. Relevância. Revista de geografia. São Paulo. Ano 1. Nº1. jan/jun. de 2016. Disponível em: <<http://ojs.ifsp.edu.br/index.php/relevancias/article/view/327>>. Acesso em: 25 de nov. de 2018.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como gênero**. Trad. Maria Therezinha Janine Ribeiro. In: Revista Projeto História, nº 22, São Paulo, junho de 2001. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10728>>. Acesso em 19 de nov. de 2018.

SANTIAGO, Ricardo. **História oral e as artes: percursos, possibilidades e desafios**. Revista de história oral, v.16, n.1, p. 155-187, jan/jun. 2013. Disponível em: <<http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=download&path%5B%5D=278&path%5B%5D=309>>. Acesso em 02 de dez. 2018.

THOMPSON, Paul. **História oral e contemporaneidade**. Trad. Andréa Zhouri e Lígia Maria Leite Pereira. Revista de história oral, 5, 2002, p.9-28. Disponível em: <<http://www.revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=47>>. Acesso em 10 de dez. de 2018.